

Textos

Hugo Roberto Kurtz Lisboa

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 30/11/2012

Título : A morte do centauro

Categoria: Artigos

Descrição: Não sei bem onde conheci o professor Péricles Saremba Vieira, mas foi, provavelmente, na Universidade.

HUGO R. K. LISBOA

Não sei bem onde conheci o professor Péricles Saremba Vieira, mas foi, provavelmente, na Universidade. Ele, conhecido e respeitado professor de Educação Física e doutor em Educação, era uma pessoa fácil de se relacionar. Ficamos amigos logo, e pude conviver com ele por um longo tempo, embora tenhamos nos encontrado menos vezes que eu gostaria.

Particpei com ele de uma seleção de alunos, para o Mestrado de Envelhecimento Humano. Ele se aproximava dos candidatos e os acalmava. Ressaltava que havia necessidade da seleção, pelo número de vagas menores que interessados, mas que todos eram bons, já que quem procura a vida acadêmica tem um perfil diferenciado. Se não conseguir agora, conseguirá na próxima vez, dizia.

Convidou-me um dia para cavalgar, e saímos de sua casa, no Bairro São José, na qual havia as baias e a estrutura para a manutenção de vários cavalos crioulos, de excelente origem e porte. Falava baixo com os cavalos, fazia ruídos

com a boca e movia-se, sem alarde mas com determinação. Entendiam-se. Colocava arreios com maestria e, mesmo apertando a cincha ou botando o freio, na boca de animais de 500 kg, nunca os vi relinchar ou se mostrar assustados.

Acalmava-os também. Atravessamos o Rio Miranda e fomos, a passo, para o lado de Coxilha onde ele me disse que tinha um restaurante com um bom bife e que deveríamos ir algum dia. Entre as instruções sobre os arreios: “não aperta as rédeas, deixa só a ponta do pé no estribo, desça para ajeitar os arreios...” fomos proseando, e aproveitando o cheiro da relva.

Sabia que ele tinha tido sérios eventos de doenças na família, mas não se queixava. Era uma pessoa leve. Contava-me das suas andanças “diá cavalo”, por todo o Rio Grande do Sul. As cavalgadas, para buscar a “chama crioula” da Semana Farroupilha, eram da sua preferência. Rasgou este estado em todas as direções, no lombo do pingo. Eram semanas cavalgando o dia inteiro, e dormindo em estâncias ou onde desse, pelo caminho.

Tinha um enorme carinho pela história e pelos costumes do nosso estado. Duas vezes lo acompanhei, atendendo seu convite, no desfile de 20 de setembro.

Era querido por todos do seu grupo “Cavaleiros do Planalto Médio”, e pela gauchada da cidade. Na sua parte como mestre, coordenava o grupo de Equoterapia da Universidade de Passo Fundo, onde, com sua equipe, usava a equitação para o tratamento de crianças com dificuldades. Jovens com autismo, síndrome de Down, paralisia cerebral, se beneficiavam enormemente. A atividade, que se resumia em interagir e comandar com carinho outro ser vivo, lhes estimulava o poder, melhorava a habilidade motora, a musculatura e o comportamento. Dezenas de pessoas passaram e se beneficiaram na escola. Ele as acalmava.

Um acidente estúpido veio roubá-lo do nosso convívio. Não precisava ter acontecido. Acidentes são eventos inesperados e indesejáveis, e com o Professor Péricles foi o que ocorreu. Nossa cidade ficou menor, com a falta dele. Fiquei devendo a ele muitas coisas.

Não pude aceitar vários convites que me fez e que, se tivesse ido, teria melhorado, teria me acalmado. Falamos por telefone recentemente e, entre outros assuntos, ficou a combinação para irmos comer o bife em Coxilha.

Ao desconsolo da família: pais, irmãos, mulher, filhos e de sua enorme roda de amigos, da minha enorme tristeza, resta imaginarmos seu exemplo na vida, nos acalmando e orientando. Prefiro acreditar nele, com seu sorriso alegre, no lombo de um cavalo, dizendo:

Vou para outra ronda, e já volto!

(Hugo R. K. Lisboa é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Data : 30/11/2004

Título : Lisboa revisitada, Passo Fundo destroçada

Categoria: Artigos

Descrição: Estive revisitando Lisboa, Portugal, recentemente, durante um congresso médico.

Lisboa revisitada, Passo Fundo destroçada

HUGO ROBERTO LISBOA

Estive revisitando Lisboa, Portugal, recentemente, durante um congresso médico. Encontrei a cidade diferente da minha última estada, em alguns aspectos, como era de se esperar passados alguns anos. A cidade está mais rica e mais parecida com outras capitais européias, embora continue com seu charme peculiar.

Situada na desembocadura do Rio Tejo com o Oceano Atlântico, ocupa um local estratégico muito disputado. Seus primeiros habitantes foram fenícios, passando pelos romanos, visigodos, árabes, espanhóis e, finalmente, resultantes de uma mescla desses povos todos, os portugueses.

A locomoção é fácil e grandemente auxiliada pela facilidade do idioma e o carinho que os portugueses geralmente nos dedicam. Visitei o castelo de São Jorge, de herança moura, no topo de uma das colinas, onde se tem uma bela vista do estuário e do casario dos bairros típicos, como Alfama, a Baixa, o Chiado, o Rossio, a elegante Avenida da Liberdade e a ponte sobre o Tejo.

O fado continua com seu encanto nostálgico originado do drama das portuguesas, chorando seus homens perdidos no mar, durante os grandes descobrimentos no século XVI, o que inclui o Brasil. No bairro da Alfama há os grandes espetáculos de cantores consagrados, mas, na Cidade Alta, encontra-se o fado castiço e puro dos cantores iniciantes e espontâneos, com preços mais baratos.

Pelo fato de sermos, em grande conta, uma continuação daquele povo, a cidade de Lisboa emociona. Sente-se a presença de Dom João VI e Carlota Joaquina, pais de Pedro IV, que viria a ser nosso Pedro I. Camões e Vasco da Gama estão sepultados no maravilhoso Mosteiro do Jerônimos, para onde mais recentemente se transportaram os restos do poeta Fernando Pessoa.

Em Alcoçaba, estão sepultados Dom Pedro I e Inês de Castro. Essa foi assassinada no século XIV, por interesse das cortes de Portugal e Espanha. E Dom Pedro, para vingá-la, mandou arrancar o coração dos assassinos e, em seguida, desenterrou-a, vestiu-a como uma rainha, colocou-a no trono e obrigou toda a corte a beijar-lhe a mão ou o que restou dela, dois anos após sua morte.

Como toda cidade civilizada, é limpa e bem preservada. Para locomoção, compra-se um bilhete que serve para cinco dias de transporte. No bonde, chamado de elétrico, não há ninguém para conferir se a gente tem ou não o tíquete. Mas, ordenadamente, todos os passageiros passam o bilhete eletrônico pelo sensor. Na verdade, tudo acontece como planejado, há um clima de confiança, e a cidade é feita para funcionar, para facilitar a vida do seu morador. Inevitavelmente, tendo em conta as devidas proporções, pensei em Passo Fundo, fundada oficialmente há 147 anos, embora já existisse há mais tempo. Da sua histórica arquitetura pouco resta. A cidade foi invadida por prédios quadrados e deselegantes. O que restava da Rua do Comércio, atual Avenida Brasil, foi e continua sendo destruído. O edifício construído no lugar de uma casa inviabiliza as casas ao seu redor. Seus proprietários, ameaçados, vendem-nas e novos prédios são erguidos. Muitas vezes estão localizados uns ao lado dos outros, tirando a vista e a luz dos seus vizinhos. Não há preocupação com a qualidade da construção ou com o bem-estar dos seus habitantes. Interessa o metro quadrado para vender, e para isso invadem as calçadas com desengonçadas sacadas.

Gostaria de ilustrar esta situação com os comentários do arquiteto Khaleen Ghoubar, doutor e livre-docente, vice-chefe do Departamento de Tecnologias da Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, o qual morou em Passo Fundo na década de setenta e desde então não vinha a nossa cidade: "Então vai aqui uma crítica à infra-estrutura cultural da cidade. Passo Fundo é uma metrópole, pelo volume de negócios que deve abrigar, pelo número de pessoas que por ali circulam, e pelo número de serviços que oferece. Aparentemente, não é pela sua beleza (ela está muito entulhada, nem suja nem limpa, nem feia nem bonita) nem pela sua vida cultural, pois nada ouvi disso que, obviamente, não pode se limitar à existência de um campus universitário moderno. Gastronomicamente está aprovada. Mas, em termos urbanos e do seu patrimônio histórico, artístico e arquitetônico, é de uma enorme lástima: não tem calçada para dar unidade e maior utilidade ao espaço em torno da catedral, que recuperaria os cinemas e restaurantes dali. Derrubaram o altar da Pátria; o paisagismo dos três setores da Av. Brasil não prestigia essa artéria importantíssima em termos funcionais, históricos e simbólicos. Há pouca arquitetura historicamente significativa que foi preservada (como as habitações da década de 50, que tem a casa da Maria Glória, na Chicuta com a Uruguai, e sua vizinha, a casa do Paraguassu Brizola), pois todas estão indo para o chão em troca de construções de gosto, no mínimo, duvidoso. Em suma, a cidade não tem os atrativos culturais que, como metrópole de estado progressista, deveria merecer. Registrem o meu protesto e a minha predisposição a ajudar na discussão." Esta visão especializada merece uma reflexão profunda dos nossos mandatários municipais presentes e futuros. Precisamos de um novo plano diretor, que pense na cidade para o próximo século. Que funcione para o bem-estar de seus cidadãos e que não permita que fábricas processadoras de lixo e outros acintes ao bom senso e ao conforto de seus cidadãos, funcionem em zona residencial.

Quero voltar a Lisboa e encontrá-la moderna, inteligente e, como sempre, histórica, como a achei agora. Gostaria que o professor Khaled dissesse o mesmo quando revisitasse sua terra.

(Hugo Roberto Lisboa é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte nº 2

Data : 31/07/2005

Título : O acesso á água em Passo Fundo. Passado, presente e futuro

Categoria: Artigos

Descrição: Estimulado pela longa seca pela qual que fomos assolados neste verão ...

O acesso á água em Passo Fundo. Passado, presente e futuro

HUGO ROBERTO KURTZ LISBÔA

Estimulado pela longa seca pela qual que fomos assolados neste verão de 2005, interessei-me pela maneira como o Passo Fundo antigo tinha acesso à água durante seu desenvolvimento.

Geralmente, o que determinava o local para erguer-se uma povoação era, entre outras características, a facilidade do acesso à água. Tanto que nosso primeiro morador, o Cabo Neves, escolheu para morar, em 1827, um local onde havia e há uma fonte. Essa nascente, segundo a história, mesmo nas mais extensas estiagens, como a atual, nunca secou.

O local é conhecido atualmente como Fonte da Mãe Preta, e inventaram uma lenda sobre o lugar. Esse nome, entretanto, é uma criação mais recente, pois na minha infância era chamado simplesmente de Chafariz. Havia um cano, arrumado toscamente no centro de um painel de pedra, por onde jorrava copiosamente uma água puríssima. Ao lado, aproveitando a abundância da água do olho-d água, havia tanques para lavar roupas.

Costumava, nas noites de verão, descer da Avenida Brasil, entre revoadas de vaga-lumes, para buscar água para algumas pessoas de idade que atribuíam a ela poderes medicinais. Atualmente, o mau planejamento, o descaso e a ignorância contaminaram a região com esgoto, e atualmente não é mais potável.

Existiam também os banhos públicos. O pessoal chegava a cavalo, procurava um desses banheiros onde, por poucos tostões, recebia um pedaço de sabão e uma toalha e podia dar uma caprichada no visual antes de chegar "nas casas".

Havia um banho abaixo do atual Corpo de Bombeiros, onde era a antiga cadeia, na esquina da Rua Teixeira Soares com a Rua Independência, os "Banhos dos Rech". Recentemente, estive caminhando com meu filho Gustavo pela região e observamos água correndo nas bocas de lobo que permitem ver a canalização subterrânea.

Tergiversando, havia ali por perto uma benzedeira famosa, aí pelos anos 30, chamada "Sinhá Tuca". Curava cobreiro e "mijada de aranha" como poucos. Com um facão ela riscava o solo e entoava palavras cabalísticas para expulsar a doença do corpo dos seus pacientes.

Havia o Banho Ideal, onde hoje é o Hotel Itatiaia. Algumas taquaras traziam a água de uma vertente e distribuíam por compartimentos, onde os viajantes e os moradores da cidade faziam seu asseio.

Até hoje temos bebedouros para animais de montaria em partes da cidade. Eram os postos de gasolina dos veículos utilizados na época: cavalos ou mulas. Não sei bem como mantinham a água em seu interior. Acredito que deveriam estar perto de fontes, mas não tive resposta para essa questão.

Muitos poços foram perfurados e boa água era obtida em todos eles. Esta água era retirada com baldes e usada para toda necessidade doméstica. No inverno, a água tinha que ser aquecida para permitir o banho nos frios invernos do Planalto Médio.

A água do Rio Passo Fundo era também consumida. Cheguei a conhecer o rio com sua água ainda transparente, na década de 50, e cheguei a ingeri-la, não sem um certo temor, em alguma ocasião. Progressivamente, o rio foi sendo agredido e atualmente agoniza atulhado de lixo e esgoto. O Arroio Miranda, do qual é retirada parte da água para o consumo da cidade, mostrou durante esta estiagem de 2005, sua enfermidade. Milhares de peixes mortos denunciaram, pela primeira vez na região, que arroios nos arredores da cidade já estão intoxicados pelo lixo, e a poluição burra é ali despejada sem controle pela população.

Passo Fundo sempre teve uma pujança desenvolvimentista, que a fez chegar ao estágio de pólo universitário e de serviços em que se encontra hoje. A falta de cuidado com o meio ambiente, entretanto, ocasionou destruição das condições naturais que fizeram a região ser escolhida para sediar povoações. Os dezoito córregos que atravessam a cidade estão envenenados e moribundos. Acidade está sempre suja, com lixo espalhado por toda a sua extensão e arredores.

É necessário que nós, passo-fundenses de origem ou opção, nos unamos numa nova cruzada. Dessa vez não contra um inimigo externo, pois, neste momento, ele, como um vírus malévolos, está dentro de nós. Temos que educar e dar o exemplo para que a terra, os campos, a mata e a água tenham o cuidado que merecem. Precisamos curar a cidade do-ente pelo descuido com que lidamos com o lixo e os dejetos que produzimos.

Hoje é possível pescar novamente no Rio Tamisa, no centro de Londres, que estava contaminado pela poluição industrial, graças a uma política severa de

despoluição adotada há alguns anos. Espero que o Gustavo, o Frederico, o Bernardo e a Carolina, meus filhos, possam ver o rio, que deu nome à cidade que os viu nascer, correr piscoso e límpido.

Agradecimento

Agradeço às Senhoras Zila Kurtz Lisbôa e Sueli Carvalho, pelas informações históricas que fundamentaram este artigo.

(Hugo Roberto Kurtz Lisbôa é médico e pertence à Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da revista

Água da Fonte nº 3

Data : 30/04/2012

Título : Os esgotos de Paris

Categoria: Artigos

Descrição: Visitar os esgotos de Paris pode parecer paradoxal.

HUGO ROBERTO KURTZ LISBOA

Visitar os esgotos de Paris pode parecer paradoxal. Numa cidade, com tanto charme e atrações na superfície, fica difícil entender por que alguém queira visitar-lhe os intestinos.

Em fevereiro de 2012, ficamos um bom tempo na “Cidade Luz”. Era para lá o único destino. Não havia plano de ir a outro lugar, na Europa, que não fosse Paris. Este fato tirou a pressa de correr, de um lado na tentativa vã de visitar todas as atrações.

O Museu do Louvre, por exemplo, precisaria de anos para ser visitado e compreendido, na sua total extensão.

É interessante que seja visitado várias vezes e uma parte por vez. Isto vale também para os vários outros museus e atrações da cidade.

Com o tempo a nosso favor, nos dedicamos a descobrir locais diferentes e, também, a escapar da atração de consumo, nas Galerias Lafayette.

Sabia da visita aos esgotos, mas nunca tinha me interessado muito. Recebi uma recomendação formal do Dr. Alceu Machado, confrade da Academia Passo-Fundense de Letras. Numa manhã, reunido com a família, fomos para a estação de Metrô Pont D'Alma, onde está a entrada, e, corajosamente, descemos as escadas que levam ao início da caminhada.

Devido ao crescimento da população urbana o destino dos dejetos humanos tornou-se crítico. Seu acúmulo desordenado foi causado de várias epidemias de doenças. Assim, há vários séculos, Paris tirou os esgotos que corriam livremente nas ruas, e o canalizou embaixo da terra.

Iniciamos a caminhar por grandes galerias que recebem o nome da rua que passa em cima. O cheiro de esgoto é de esgoto, porém não chega a ser forte o suficiente para ser desagradável. Algumas mulheres, entretanto, cobriam o rosto com lenços.

Algumas galerias são adaptações do sistema de saneamento do tempo da ocupação romana, quando a cidade se chamava Lutécia. Progressivamente, foram sendo aumentadas e, as amplas e bem construídas galerias com o teto em abóbada, demonstram a preocupação com a higiene da cidade. O esgoto corre em canais no centro das galerias e o "tour" é feito em passarelas, a uma altura razoável do fluxo.

Há um roteiro definido, e este passeio existe desde 1880, época de seu maior reformador, engenheiro Eugène Belgrand.

Há neste caminho sinalizado, painéis que vão contando peculiaridades sobre sua existência. Neste momento, há 2400 km de esgotos e galerias técnicas (www.paris.fr/...egouts/...egouts-de-paris).

No período da Revolução Francesa, conspiradores usavam este sistema para escapar da polícia do Rei. Conta-se que Marais, um dos articuladores daquela revolução, adquiriu uma grave doença de pele por esconder-se nos esgotos. Ele foi, mais adiante, assassinado quando estava em um a banheira, tentando tratar seu corpo recoberto de escaras.

Os esgotos foram usados também durante a ocupação nazista de Paris onde "La resistance" traçava seu planos para sabotar o exército invasor, e também como rota de fuga.

Um dos problemas do esgoto é o acúmulo de areia nos condutos. Para evitar isto, há bolas de madeiras, fazendo com que a passagem do líquido se afunile e, desta forma, turbilhonam-no, para que a areia se emulsione, diminuindo seu depósito. Mesmo assim, de tanto em tanto tempo, há necessidade de máquinas manejadas pelos "egouters", os orgulhosos funcionários dos esgotos, que são usadas para retirar o entulho.

Deste esgoto são separadas a parte líquida e a sólida que têm destinos diferentes. O sólido é reciclado para servir de adubo, e o líquido, após processos de decantação e purificação, é lançado no Rio Sena. O parisienses contam, satisfeitos, que este rio possuía, em 1990, 10 espécies de peixes e, com o contínuo e progressivo processo de limpeza, neste momento possui 21 espécies.

Nestas horas não há como não lembrar de Passo Fundo e do rio que lhe deu o nome. Em 2011 teve que ser desobstruído duas vezes e, do seu leito, foram retiradas toneladas de lixo. As medidas cosméticas de contenção do lixo através de barreiras flutuantes não estão funcionando, já que foi publicado, recentemente, que novos depósitos de lixo estão-se formando. Há, na verdade, necessidade de campanhas públicas continuadas, para evitar que a população, mal educada e relaxada, pare de jogar lixo nas ruas. Para isto, toda a sociedade organizada deve se unir (Academias Passo-Fundenses de Letras e de Medicina, Secretaria de Educação, Secretaria do Meio Ambiente, Rotary Club, Lions Club, Universidade de Passo Fundo, Centro de Tradições Gaúchas, Igrejas, escoteiros, militares, enfim, todos nós). Sem água limpa, não vivemos.

Para aqueles que forem a Paris recomendo esta atração muito interessante. E, após sair do subsolo, uma chegada ao topo do Arco do Triunfo, dará uma visão panorâmica da cidade, de onde se pode admirar a urbe milenar e mais charmosa do mundo, que cuida de todos os aspectos da sua anatomia.

Data : 31/05/2011

Título : Os irmãos Corralo: O tempo mens sana in corpore sano

Categoria: Artigos

Descrição: Os irmãos Airbal e Adirbal Corralo foram meus professores de Educação Física, nos cursos Ginásio e Científico, no Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, na década de sessenta.

Os irmãos Corralo: O tempo mens sana in corpore sano

HUGO ROBERTO KURTZ LISBOA

Os irmãos Airbal e Adirbal Corralo foram meus professores de Educação Física, nos cursos Ginásio e Científico, no Colégio Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, na década de sessenta. Antes de conhecê-los pessoalmente já sabíamos da sua fama, pois haviam rodado um aluno no Colégio Conceição, onde também lecionavam por não conseguirem cumprir as determinações da disciplina ministrada por eles. Isto era raro de acontecer naquela época e hoje em dia acho impossível.

Tenho alguma lembrança do primeiro contato. Ambos vestiam calção e camiseta de física impecavelmente branca e tinham corpos atléticos, com musculatura bem definida e nada de gordura. Sem muita conversa, mandaram a turma dar 5

voltas correndo na praça Tamandaré, o que não era pouco, e que eles acompanhavam, de olho em cada aluno. Após os dois quilômetros de corrida, davam uma sessão de ginástica calistênica, forçando todos os segmentos do corpo, e por fim promoviam algum jogo para a recreação. Não era fácil. Todos tinham que participar, não tinha atestado que salvasse.

Ambos eram sérios e interessados. Queriam que seus alunos entrassem em forma e que competissem nas olimpíadas que ocorriam anualmente. Suas preleções, nos estimulando a praticar esportes, eram arrebatadas, e nisso o Airbal era mais enfático. Pregavam a "mens sana in corpore sano" e acompanhavam oito numas de alunos por dia. Em outras palavras, se exercitavam todos os dias, chovendo ou fazendo sol. Em dias de geada, pareciam ainda mais desprendidos, faziam os exercícios deitados no solo, ao ar livre, como se estivéssemos dentro de ginásios esportivos.

Este estímulo dos irmãos Corralo, via exemplo e determinação, criou uma população de seguidores de esportistas e atletas. No meu caso, devido à minha total incapacidade para o futebol, fui guindado ao atletismo e, em 1967, participei dos Jogos Mundiais Universitários em Tóquio no Japão. Ir ao Japão, naquela época, era quase como ir à lua. Não desmerecendo o húngaro Alexandre Davids, meu técnico no Grêmio Futebol Porto alegreense, que muito me ajudou. Mas acho que a base do preparo físico e psicológico, na minha carreira de corredor de 400 metros rasos, foi obtida com os irmãos Corralo.

Por estas lembranças e pelo fato de ser médico, chama-me a atenção a maneira que a Educação Física é praticada nos dias de hoje. Na maioria dos colégios, há somente um dia para esta prática e geralmente os dois períodos determinados são juntos. Pelo que ouço, as atividades são sem supervisão direta. Muitas vezes se fornece uma bola e os alunos vão jogai o que bem entenderem. Com isto, muitos ficam sem fazer nada, perdendo a oportunidade de preparar seus corpos para prevenção de doenças e deixando as mentes mais receptivas aos desafios intelectuais. Estamos assistindo a uma epidemia de obesidade entre os jovens. Eles são criados confinados em apartamentos, comendo porcarias, como salgadinhos e fast food, bebendo um dos piores venenos para a saúde, que são os refrigerantes e as bebidas adoçadas.

Embora em outros países o assunto esteja sendo tratado com a energia que carece, e através de programas de governo, para o envolvimento da população jovem em uma maior atividade física, por aqui nada se vê. Nossas crianças continuam nesta rota catastrófica de assistir televisão de baixa qualidade, jogos em computadores e videogames. Gasto calórico zero e aprendizado para qualquer coisa útil igualmente zero. Acabam coroando este estilo de vida com "cheese burgers" e companhia, que aqui já receberam o nome de "xis".

Fui surpreendido recentemente pela notícia do falecimento do Professor Adirbal Corralo. Sua carreira seguiu, depois daqueles tempos de professor de Educação Física, para a de advogado e político de sucesso. Foi Vice-Prefeito e, em qualquer área, era o mesmo sujeito enérgico, estimulador e apaixonado. Um homem do bem.

Além dos seus quatro filhos de sangue o professor Adirbal deixa centenas de outros filhos, entre os quais eu me incluo, que acreditaram e acreditam na sua mensagem e exemplo de determinação e honestidade. Embora esteja triste pela

sua partida física, consolo-me seguro de que sua lembrança estará viva na memória dos seus alunos e seus familiares.

Obrigado, professor!

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Ano : 2015

Título : PAGA UMA BRAHMA, BEM? (TRAVESSURA NA ZONA)

Categoria: Crônicas

Descrição: A zona do meretrício em Passo Fundo teve várias localizações. A primeira de que lembro foi a da rua 15 de Novembro, que funcionou da década de 40 até o final dos anos 50.

A zona do meretrício em Passo Fundo teve várias localizações. A primeira de que lembro foi a da rua 15 de Novembro, que funcionou da década de 40 até o final dos anos 50.

Naquela rua situava-se o famoso Cassino/Cabaré da Marocas, cujo prédio ainda existe. Na época da extração de madeira e do contrabando de pneus na cidade circulava muito dinheiro e a Marocas, hábil em conduzir o salão com suas moças, ofereceu entretenimento, para a população masculina, durante anos. O traje, terno e gravata e, para os shows que lá aconteciam, vieram orquestras de todo o Brasil, Argentina e Uruguai. Francisco Alves, o Rei da Voz, na época, um dos cantores mais famosos do Brasil, lá se apresentou.

Contam que, com a finalização da construção da Catedral, a três quadras da Rua 15, a zona foi transferida para o bairro Petrópolis, de lá, para a Xangri-lá, onde que conheci a intimidade desse grupo social tão característico.

Quando éramos “piás”, com a testosterona da puberdade empurrando a libido para as alturas, íamos em bandos ver as “mulheres da vida”, com a esperança de alguma conceder favores aos rapazes. Funcionava principalmente na noite, embora sempre houvesse atendimento de emergência.

Quem comandava a casa geralmente era uma mulher, que fazia as honras da sala e organizava o funcionamento, pois, como parte do lucro era obtida pela venda de bebida, quase sempre havia homens bêbados. O gigolô, sempre discreto, fazia a segurança, quando os “gambás” passavam dos limites.

Conta-se que no cabaré da Tia Carula, dona de uma casa famosa, esta, vendo que os agarramentos no salão estavam passando dos limites, pegou o microfone e bradou: “Vamos parar com a pouca vergonha no salão; vocês estão achando que aqui é o Clube Comercial”? O boato causou mal estar em determinados círculos sociais, já que o clube citado era o mais tradicional da cidade.

Os serviços oferecidos eram o pouso e o instante, de acordo com a disponibilidade de tempo do freguês. Era comum encontrar pessoas da “alta sociedade” dançando boleros de rosto colado com as madames. Alguns, ditos “coronéis”, tinham mulher fixa e prioridade na zona, já que arcavam com suas principais despesas. Isso não impedia que a mulher seguisse o seu trabalho habitual nas horas vagas.

Além das poucas mulheres fixas, a maioria era temporária, que andava de uma zona para outra, porque a novidade era um atrativo especial. Em algumas cidades havia até mulheres “francesas” vindas da Argentina. Dizia-se: “Vamos pra Xangri-lá que chegou china nova na zona”.

As prostitutas eram necessariamente jovens, a maioria iletrada, vindas do interior. Trabalhavam fora de seus locais de origem porque eram consideradas “perdidas”. Tinham filhos que se criavam por lá mesmo; algumas casavam e iam embora.

Com o tempo, parte da zona migrou para perto do rio Passo Fundo onde reinou a casa da Olívia, tida como de alto gabarito. Dizem que um famoso advogado da cidade teve a sua faculdade paga pela Olívia e que, com ele, manteve longo relacionamento.

Nessa mesma área, nos anos 70, funcionou um “dancing” chamado “O Bicão”. Na época, virou moda casais da “alta sociedade” irem para ver o processo de pegação do “chinaredo. Assim, houve o reconhecimento da existência desse grupo sócia, quando a curiosidade ultrapassou a negação da sua existência.

Após esse período, as “casas de tolerância” se espalharam pela cidade, não havendo mais a concentração em único bairro.

Para muitos, continua a lembrança das aventuras na zona. A luz vermelha e o som dos tangos e boleros num “rendez vous” traz a imagem de alguma moça que se apresentava e, logo, com voz lânguida, perguntava: “Paga uma Brahma, bem?”

Era o começo do pecado.

Data : 30/04/2004

Título : Tipos populares de Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: Outro personagem que conheci ao vivo, era um esmoleiro chamado Chico Salame, ...

Tipos populares de Passo Fundo

HUGO ROBERTO KURTZ LISBÔA

Passo Fundo, como outras cidades, tem seus tipos populares que enchem com suas histórias seu o folclore.

Uma dessas histórias, que ouvi na minha família, era sobre um sujeito chamado Pitelo Gomes. Esse senhor apresentava-se nas casas, dizendo consertar geladeiras e alguns outros raros eletrodomésticos que havia na cidade. Quando contratado, desmontava a máquina, peça por peça e, lá pelas tantas, quando estava tudo esparramado pelo chão, pedia um adiantamento para buscar uma peça, a fim de trocar outra que estava defeituosa, e que ele havia, por fim, encontrado. Ia embora e nunca mais voltava.

Outro personagem que conheci ao vivo, era um esmoleiro chamado Chico Salame, aí pela década de 50. Parece que o apelido era devido às monumentais proporções do seu instrumento, e seu nome ficou gravado na minha memória.

Mais adiante, já gurizote, lembro-me que azucrinávamos um sujeito apelidado de "Um-Dois- Três". Contava-se que ele tinha sido soldado na segunda grande guerra e teria ficado com a fobia de não poder ouvir essa seqüência de números, pois imaginava que, após isso, seria disparado um canhão. Nós, escondidos atrás ou na copa de árvores, quando o víamos se aproximando, gritávamos "um, dois, três". O indivíduo ficava pálido e gritava os maiores improperios, tentando localizar os bandidos que o estavam incomodando.

Anos após, conheci o Galinheiro. Fazíamos a mesma coisa: escondidos, largávamos o brado de guerra: "Galinheiroooooooooo! "

Pronto! O homem ficava louco. Ele tinha um cajado e, se vacilássemos, levávamos uma paulada. Mas que nada, quanto mais perigo, melhor. Alguns o desafiavam, chegando bem perto e gritando: corococó!

E tinha ainda um indivíduo, vulgo Cisne (também conhecido como Vermelhinho), supostamente homossexual, que morava no início da Sete de Setembro, junto ao valo, depois da Sulina. Costumávamos escrever com giz, carvão, qualquer coisa, na calçada em frente à casa da professora Delma Gehm, "Cisne veado", entre outras coisas. Ele carregava um chicote pequeno sob a roupa e corria atrás da gurizada.

Mais recentemente, havia a Maria Queixuda, cujo nome a descreve. Um queixo comprido e largo era sua característica. Parece que essa já era mafiosa, e teria

vários mendigos na sua área de influência. Era a rainha dos mendigos, os quais comandava com punho de ferro.

Tinha também o Pandolfo, de família tradicional da cidade. Integralista, jogava tênis no Clube Comercial e, mais adiante, fazia "jogging" pelas ruas da cidade. Curiosamente, costumava caminhar pelo meio da rua, fazendo com que todo o trânsito tivesse que se desviar para não atropelá-lo. Algumas vezes, ele chegava a uma casa e pedia para usar o banheiro, dizendo estar "apertado". Lá entrando, demorava-se uma hora, pois, além das necessidades, fazia a barba, tomava banhos e saía perfumado com os produtos de toucador dos seus infelizes hospedeiros. Foi baseado nele que se criou o termo "pandolfiar", que significa tirar vantagem de uma situação.

Conheci outro, o Camate, solteirão, elegantemente arrumado, que freqüentava diariamente a República dos Coqueiros. Esse local, imortalizado pelo livro homônimo do jornalista Argeu Santarém, fica na praça central da cidade, onde se reuniam figuras dos mais diversos matizes. O Camate tinha algumas rendas, o que possibilitavam sua subsistência. O que se comentava era que ele nunca trabalhara. Dizia-se que a cura do câncer seria obtida, quando se conseguisse uma gota de suor do Camate, resultante do trabalho.

Mais recentemente, conheci um senhor que diziam ter sido militar, e que enlouqueceu, cujo nome era Lorenzato. Ele passava pela cidade desenhando cruzes e símbolos religiosos nos muros. Outras vezes ficava taciturno, pensativo, com o olhar perdido. Certa vez, depois de ficar muito tempo olhando para a catedral, de repente perguntou aos transeuntes:

- A catedral não é a casa de Deus?
- É sim, sim senhor responderam os inquiridos.
- Por que que então tem pára-raios?

(Hugo Roberto Kurtz Lisbôa é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

da revista

Água da Fonte nº 1

Data : 31/12/2003

Título : Um olhar sobre a primavera em Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: A primavera parece trazer uma nova vida à cidade. Os ipês e os jacarandás floridos ...

Um olhar sobre a primavera em Passo Fundo

HUGO LISBÔA

A primavera parece trazer uma nova vida à cidade. Os ipês e os jacarandás floridos brindam-nos com suas cores brilhantes e a agitação da cidade evidencia a chegada do calor.

A Avenida Brasil está mais bonita, tanto pela vegetação quanto pelos monumentos construídos mais recentemente, como a Caravela, a Vela com a Cruz ao centro, em frente à igreja São Vicente e, por último, o bellissimo monumento sobre a redução jesuítica de Santa Tereza dos Pinheirais, no Boqueirão. Parabéns ao autor, engenheiro Ubiratã Oro, pela sua criatividade.

A cidade muda a cada estação. Nos domingos, a moçada se reúne na Avenida Brasil, circulando em frente ao colégio Notre Dame e adjacências. Antes o epicentro era o Bar Bacardi e agora é o Natus Drive, uma quadra mais para o lado do centro. Em alguns pontos, os rapazes encostados nos carros estacionados, disputam competições para ver quem põe a música mais alta. O som varia desde um reggae jamaicano até os sertanejos (argh!), tipo Leandro e Leonardo. A poluição sonora tem sido mais bem fiscalizada, pois as pessoas da vizinhança ficam como ouvintes passivos o que, dependendo da música e do volume, pode ser uma tortura indescritível.

O Museu Ruth Schneider já é um marco da parte movimentada da cidade, com seus longos cartazes que dão um ar de cidade grande ao Passinho. Ao lado, o Teatro Múcio de Castro, com uma agenda de espetáculos contínua, nos insere no roteiro das artes cênicas do Rio Grande do Sul e do Brasil.

O prédio da Academia de Letras, que o prefeito Osvaldo Gomes teve a determinação e a coragem de iniciar e terminar, complementa o conjunto arquitetônico que dá àquela parte da cidade um aspecto único e interessante.

Os shoppings ficam movimentados inverno e verão, e com seus cinemas, restaurantes, boliches e bares são um atrativo seguro para a alternativa das ruas.

Passo Fundo, há pouco tempo atrás, parava nos fins de semana. Havia, é claro, futebol, missas e cinemas, mas havia muito pouco movimento. Tinha um clima bucólico, típico de cidade de interior. Hoje não, sábados e domingos se confundem com os dias da semana.

Ainda há muitas coisas a serem feitas para a cidade acolher sua população. As calçadas, por exemplo, são um lixo. Todas esburacadas, com pavimento irregular que junta água quando chove. Os indivíduos com deficiência física, que usam cadeiras de rodas, não têm como se locomover na cidade. O mesmo ocorre, com menor gravidade, para mães com seus carrinhos de nenê ou carrinhos de compras de supermercado. Na estação rodoviária, que é muito desconfortável e feia, não há rampas para superar os degraus, e por isso se tornam inúteis as malas com rodinhas.

Num futuro próximo, ocorrerão as festas de formatura e de encerramento de ano, e a cidade enche-se de visitantes. O único inconveniente das festas é que algumas pessoas cultivam primitivos costumes tribais, onde todas as festividades devem ser acompanhadas de foguetório. Para crianças, enfermos e pessoas que não curtem barulho é realmente um saco.

Mas estamos indo. Há construção de canteiros na Avenida, na Petrópolis, uma grande mudança que aumentou a beleza da cidade para aqueles lados. Há uma preocupação de mudanças para tornar a cidade cada vez mais aprazível, para poder receber seus habitantes e visitantes, com toda a deferência que eles merecem, na entrada de todas as estações.

Da revista

Água da Fonte nº 0

Data : 30/04/2006

Título : Vacinação contra a gripe em Passo Fundo

Categoria: Artigos

Descrição: A história da gripe é antiga. Desde 1781, sabe-se que epidemias de gripe provenientes da Rússia e Ásia afetaram o mundo, com grande mortalidade entre as populações.

Vacinação contra a gripe em Passo Fundo

HUGO ROBERTO KURTZ LISBOA

A história da gripe é antiga. Desde 1781, sabe-se que epidemias de gripe provenientes da Rússia e Ásia afetaram o mundo, com grande mortalidade entre as populações. A mais importante pandemia talvez tenha sido a da gripe espanhola de 1918, que matou mais de 40 milhões de pessoas em todo o mundo. Comenta-se que, em Passo Fundo, nos finais de tarde, passava uma carroça pela rua principal para recolher os mortos daquele dia.

A Espanha levou a culpa e o nome até hoje usado para definir a gripe é a palavra espanhola "influenza". Possivelmente não seja a Espanha o local de origem. Atribui-se que esse vírus mutante veio a parasitar a raça humana durante a Primeira Guerra Mundial, quando milhares de soldados conviveram em situações precárias dentro de trincheiras imundas, onde combateram por quatro anos. Devido às péssimas condições de higiene desses imensos aglomerados

humanos, foi fácil que um vírus, possivelmente parasitário de outros animais, se instalasse no homem.

O reflexo da gripe espanhola em Passo Fundo foi a criação do Hospital São Vicente de Paulo, no local onde hoje funciona a Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro, justamente no ano de 1918, para atender as vítimas daquela epidemia.

Não sei se ainda como reflexo daquela época, quando alguém espirra, imediatamente ouve-se um: "saúde!". Talvez o espirro fosse o prenuncio da doença grave. O mesmo não acontece quando alguém tosse.

A gripe influenza é uma virose sistêmica que deve ser diferenciada do resfriado comum. Aquela cursa com febre, dores no corpo, prostração, falta de apetite, e é caminho para a instalação de doença bacteriana, geralmente pneumonia, que é uma das principais causas de morte entre pessoas idosas. O resfriado é causado por um adenovírus cujos sintomas se restringem às vias respiratórias superiores, não sendo fator de risco para doenças bacterianas graves.

Felizmente, surgiu nos últimos anos uma vacina que previne o aparecimento da gripe em cerca de 75% dos casos. No Brasil, as campanhas de vacinação de idosos começaram em 1999. Milhões de pessoas são vacinadas todos os anos no país. Segundo o Ministério da Saúde, em 2004, o país superou a meta, vacinando 85% da população com mais de 60 anos, e conquistou uma das melhores coberturas vacinais em todo o mundo. Mais de 80% dos municípios brasileiros superaram a meta de vacinação estabelecida pelo Ministério da Saúde, nos anos de 1999, 2001 e 2003.

Isso diminuiu sobremaneira as internações e a mortalidade entre pessoas da terceira idade, com o que houve uma diminuição de gastos hospitalares e um aumento da expectativa de vida.

Infelizmente muitos indivíduos criticam a vacinação levantando dúvidas sobre a sua eficiência. Há boatos de que a vacina seria "uma maneira que o governo encontrou de matar os velhos para parar de pagar a aposentadoria". O mais interessante é que muitos médicos também acreditam e apregoam estas bobagens. Como a cobertura é de 75 %, teremos um percentual de vacinados que contrairão a doença e há também aqueles que, vacinados, adquirem um resfriado comum e acreditam não ter sido protegido. São esses casos que alimentam a crença de que a vacina não é eficiente.

Há, entretanto, que se basear nos dados concretos da literatura médica. Um artigo de dezembro de 2005, do Journal of the American Medical Association (Alicia M. Fry et al. Trends in hospitalizations for pneumonia among persons aged 65 years or older in the United States, 1988-2002. JAMA, 2005; 294:2712-2719.), dá conta de que nos Estados Unidos da América houve um aumento de internações por pneumonia, entre indivíduos com mais de 65 anos, entre 1988 e 2002, e uma das principais recomendações para mudar esta tendência é a melhor cobertura vacinal em idosos, junto com uma melhora das vacinas. Quando Oswaldo Cruz decidiu terminar com as epidemias de doenças infecciosas que grassavam no Rio de Janeiro, no início do século passado, instituiu as Brigadas de Mata-Mosquitos que desinfectaram as ruas e casas. A população achou uma maluquice responsabilizar um mosquito pela febre

amarela. Quase toda a imprensa ficou contra Oswaldo Cruz e ridicularizou sua campanha. Em novembro de 1904, explode a revolta contra a vacinação compulsória contra a varíola. Por mais de uma semana, as ruas do Rio de Janeiro vivem uma guerra civil. A Escola Militar de Praia Vermelha, comandada por altos escalões do Exército, alia-se aos revoltosos. Militares insatisfeitos com o presidente Rodrigues Alves armam um golpe de Estado. O governo reage. Tropas leais atacam os revoltosos. No centro da cidade, pelotões disparam contra a multidão. O número de mortos da Revolta da Vacina é desconhecido. O de feridos ultrapassa cem. Mais de mil pessoas são presas e deportadas para o Acre. As medidas sanitárias continuam. Em 1903, 469 pessoas morrem de febre amarela. No ano seguinte, este número cai para 39. Em 1904, a varíola havia matado cerca de 3.500 pessoas. Dois anos depois, esta doença faz apenas 9 vítimas. A cidade fica livre das epidemias.

Penso que em Passo Fundo, cidade universitária que abriga uma importante Faculdade de Medicina se deveria estimular a cobertura vacinal da gripe, de pneumonia e de todas as doenças infecciosas passíveis de prevenção com a vacina. Idealmente, a meta deveria ser acima de 95% da população, e penso que poderíamos ser o exemplo para todo o país. Já fomos ousados e pioneiros em tantas coisas. Porque não ser numa área em que o instrumento da mudança é barato e os resultados são inquestionáveis?

(Hugo R. K. Lisboa é médico e membro da Academia Passo-Fundense de Letras.)

Da Revista

Água da Fonte nº 4